

ENTRE PRAÇAS, ARQUIBANCADAS E SONS: vivências culturais em La Plata

BETWEEN SQUARES, STANDS, AND SOUNDS: cultural experiences in La Plata

Pedro Henrique Ribeiro Fernandes¹ - UFT 

RESUMO

Este artigo relata e analisa uma experiência de intercâmbio acadêmico em La Plata, Argentina (março a julho de 2025), por meio do Programa Abdias Nascimento (CAPES), em convênio entre UFRN, UEPA e UFT. A partir da vivência no espaço urbano, problematiza-se a relação entre futebol, música e ocupação das praças como dimensões estruturantes da cultura platense. Observa-se que, diferentemente da lógica comercial predominante no futebol brasileiro, em La Plata o esporte mantém forte vínculo comunitário e simbólico, articulando identidade, pertencimento e expressão social. A cidade revela-se território cultural ativo, onde manifestações esportivas e musicais integram o cotidiano e produzem sociabilidades. O relato busca transformar experiência vivida em reflexão acadêmica, destacando a potência formativa do intercâmbio internacional.

PALAVRAS-CHAVE: intercâmbio acadêmico; futebol; música; espaço público; cultura urbana.

ABSTRACT

This article reports and analyzes an academic exchange experience in La Plata, Argentina (March-July 2025), through the Abdias Nascimento Program (CAPES), in partnership with UFRN, UEPA, and UFT. Based on urban lived experience, it examines the relationship between football, music, and the occupation of public squares as structuring dimensions of Platense culture. Unlike the predominantly commercial logic in Brazilian football, in La Plata the sport maintains a strong community and symbolic bond, articulating identity, belonging, and social expression. The city emerges as an active cultural territory, where sporting and musical manifestations are integrated into everyday life and produce sociability. The narrative seeks to transform lived experience into academic reflection, highlighting the formative potential of international exchange.

KEYWORDS: academic exchange; football; music; public space; urban culture.

¹Mestre em Educação pela UFT. Graduado em Licenciatura em História pela UFS. E-mail: pedrofe1636@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de um intercâmbio acadêmico realizado em La Plata, Argentina, entre março e julho de 2025, com bolsa do Programa Abdias Nascimento (CAPES), em convênio entre UFRN, UEPA e UFT. A experiência transcendeu a dimensão estritamente acadêmica, configurando-se como vivência formativa ampliada, na qual o espaço urbano, as práticas culturais e as manifestações populares tornaram-se objeto de observação e reflexão. Em particular, a imersão em La Plata permitiu compreender como o futebol e a música estruturam sociabilidades, ocupam o espaço público e produzem sentidos de pertencimento.

O texto propõe-se a relatar e analisar essa experiência, articulando memória e interpretação, partindo do pressuposto de que o intercâmbio internacional é também campo de produção de conhecimento, ao deslocar o pesquisador de suas referências habituais. Nos capítulos seguintes, são apresentados elementos da constituição histórica e urbana de La Plata, aspectos institucionais e, sobretudo, reflexões sobre as intersecções entre futebol, música e espaço público no cotidiano platense. Trata-se de um exercício que busca transformar vivência em objeto de reflexão, preservando o caráter testemunhal sem perder o rigor acadêmico.

LA PLATA: o espaço urbano, social e cultural

La Plata, capital da província de Buenos Aires, possui uma população que ultrapassa os novecentos mil habitantes durante o período letivo, reduzindo-se cem mil nas férias, sobretudo devido ao êxodo da população universitária. A cidade abriga a Universidad Nacional de La Plata (UNLP), segunda universidade mais prestigiada da Argentina, e foi justamente a oportunidade de estudar nessa instituição mais especificamente na Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FaHCE) que motivou este intercâmbio e, por extensão, este relato. O ingresso de estudantes estrangeiros, como eu, exige ensino médio completo e proficiência em espanhol em nível B2.

O acesso a La Plata, para quem vem do Brasil, passa necessariamente por Buenos Aires. A capital federal (ou CABA, como chamam os locais) concentra os principais aeroportos, e de lá partem trens e ônibus para diversas cidades argentinas, incluindo La Plata. Mesmo quem desembarca em Ezeiza, cidade vizinha a cerca de trinta minutos de Buenos Aires, costuma seguir para a capital antes de tomar um transporte até o destino do trajeto que, de La Plata a Ezeiza, leva em média uma hora e meia.

Fundada em 1880 pelo governador Dardo Rocha cujo nome batiza uma das principais praças da cidade, La Plata é um exemplo de urbanismo planejado do século XIX. Sua malha urbana é marcada por ruas largas, diagonais e uma profusão de praças de diferentes tamanhos, distribuídas de modo a atender as diversas regiões da cidade. Durante um passeio guiado de que participei, soube que há quem enxergue influências maçônicas no traçado urbano, com símbolos ocultos visíveis apenas em uma vista aérea narrativa que, verdadeira ou não, revela o imaginário que envolve a cidade.

A história da universidade confunde-se com a própria consolidação urbana e cultural de La Plata. Criada como universidade provincial em 1897 e nacionalizada em 1905 por Joaquín V. González, a UNLP integrou museus, observatórios, escolas experimentais e institutos científicos a um projeto que articulava ciência, formação técnica e produção cultural. Esse modelo não

apenas estruturou o campo acadêmico local, como também imprimiu à cidade um perfil marcadamente universitário, no qual a circulação de estudantes, a produção intelectual e a efervescência cultural passaram a compor o cotidiano urbano.

A nacionalização orientada por González inseria-se em um horizonte moderno, científico e reformista, posteriormente reforçado pelos princípios da Reforma Universitária de 1918 como a valorização da pesquisa empírica e a defesa de uma universidade pública comprometida com a sociedade. Nesse sentido, a universidade tornou-se elemento organizador do espaço urbano: bairros, praças, centros culturais e circuitos de sociabilidade passaram a ser atravessados por fluxos estudantis, debates políticos e manifestações artísticas. A cidade, assim, não apenas abriga a universidade ela é moldada por ela.

É nesse contexto que se insere a Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, cuja trajetória remonta às primeiras décadas do século XX, a partir das seções de Pedagogia e de História, Filosofía y Letras. Mais do que uma unidade acadêmica, a FaHCE consolidou-se como espaço de formação docente e reflexão crítica, influenciando gerações de professores, intelectuais e pesquisadores. Conforme destaca o próprio portal institucional, a faculdade constituiu-se como "institución señera en la formación de profesores, investigadores e intelectuales" (FACULTAD DE HUMANIDADES Y CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, s.d., on-line). A citação evidencia seu papel estruturante na produção de pensamento educacional e humanístico na Argentina.

Localizada em Ensenada, município que integra a chamada "Gran La Plata", a FaHCE amplia a dimensão territorial da universidade, conectando diferentes localidades e intensificando a circulação diária entre cidade e província. Essa configuração espacial ajuda a compreender La Plata como um tecido urbano expandido, no qual as fronteiras administrativas tornam-se porosas diante das dinâmicas acadêmicas e culturais. A presença da faculdade fora do centro histórico reforça a ideia de que o espaço universitário não se restringe a um campus isolado, mas distribui-se pela malha urbana, produzindo redes de sociabilidade que alcançam bares, centros culturais, bibliotecas e estádios.

Foi justamente essa capilaridade que marcou minha experiência. Durante os meses em que morei em La Plata, uma das minhas primeiras moradias situava-se em uma diagonal que, em dez minutos de caminhada reta, levava ao estádio UNO, casa do Estudiantes de La Plata. O percurso, parte dele dentro do parque conhecido como "El Bosque", já anunciava a presença do futebol no cotidiano: muros grafitados com a história do clube, e, sobretudo, os postes de iluminação pintados com as cores vermelho e branco. O que mais me chamava atenção era a continuidade dessa estética não se tratava de uma intervenção isolada nas imediações do estádio, mas de uma marca que se repetia em outros pontos da cidade, inclusive em ruas distantes da arena esportiva.

Na esquina onde ficava a padaria próxima à minha residência, por exemplo, todos os postes exibiam as cores do Estudiantes, como registra a imagem a seguir:

Postes pintados com as cores do Estudantes



Fonte: do autor

Ao cruzar as intersecções das diagonais, porém, o vermelho dava lugar ao azul e branco do outro grande clube da cidade, o Gimnasia y Esgrima La Plata, que também divide o Bosque com o rival. Era como se a cidade falasse por meio das cores, afirmando identidades e territorialidades mesmo para quem, como eu, ainda estava aprendendo a ler seus códigos. Além dessa ocupação visual do futebol, a música também se fazia presente nos espaços públicos sobretudo nas praças. Chegamos a La Plata em um período em que muitas delas estavam fechadas para reforma, e suas reinaugurações eram celebradas com grandes eventos, que incluíam estruturas de show e programação cultural variada. Um aspecto que me chamou a atenção, por diferir do hábito brasileiro, era o horário: as atividades encerravam-se antes das nove ou dez da noite. Segundo conversas com moradores locais, esse foi um hábito incorporado após a pandemia.

A foto a seguir registra um desses eventos, na reinauguração da Praça Dardo Rocha a mesma que abriga a Biblioteca Pública da Universidad Nacional de La Plata. Aproveitando o sobrenome do fundador, os organizadores reuniram artistas de rock argentino e local, em uma programação que dialoga com a memória e a cultura da cidade.

Evento de reinauguração da Praça Dardo Rocha



Fonte: do autor

Durante todo o período do intercâmbio, foi possível perceber que as praças funcionavam como palcos permanentes de expressão cultural. Na praça San Martín, por exemplo, a programação inclinava-se para a música clássica e ritmos locais; em outras, o rock ou a música independente ganhavam espaço. E, independentemente do gênero musical, as praças enchiam-se de pessoas de todas as idades, reafirmando-se como lugares de encontro, lazer e pertencimento.

Neste capítulo, busquei traçar um panorama mais geral que permita ao leitor situar-se na história, no espaço urbano e nas dinâmicas culturais de La Plata. As próximas seções aprofundarão dois aspectos centrais dessa vivência: o lugar do futebol na constituição das identidades locais, a partir da rivalidade entre Estudantes e Gimnasia, e a presença da música como elemento estruturante da ocupação do espaço público.

FUTEBOL E IDENTIDADE: o caso estudantes e gimnasia 4

O futebol transcende a dimensão de mera prática esportiva para se consolidar como um fenômeno social total, atuando como potente operador de identidade coletiva e pilar fundamental da cultura contemporânea. Na perspectiva das ciências sociais, o esporte é compreendido como um cenário onde se encenam moralidades e se reafirmam identidades, funcionando como um "drama social" que reflete o ethos e a cosmovisão de grupos específicos.

Sua influência na sociedade manifesta-se através da criação de "comunidades imaginadas", nas quais indivíduos que não se conhecem pessoalmente sentem-se unidos por laços afetivos e de representação em torno de um clube ou seleção. Na Argentina, a história do futebol está intrinsecamente ligada ao processo de modernização e à formação da identidade nacional no início do século XX. Introduzido por imigrantes britânicos e disseminado através de escolas e ferrovias, o esporte foi rapidamente apropriado pelos setores populares urbanos, que "nacionalizaram" a prática através da fundação crioula de clubes. Esse processo deu origem a um estilo rioplatense distinto, caracterizado pela habilidade individual e pelo passe curto, em oposição ao jogo físico britânico.

Essa apropriação popular, contudo, também foi acompanhada pela emergência da "cultura do aguante" uma lógica social onde a violência física e simbólica é utilizada como capital

para demonstrar coragem, lealdade e honra, estabelecendo fronteiras rígidas entre o "nós" e o "outro". Atualmente, a gestão da segurança nos estádios argentinos é marcada por um enfoque punitivo e pela proibição de público visitante, medida que, embora busque reduzir conflitos, muitas vezes exacerba as tensões internas nas torcidas e a repressão policial.

É nesse contexto mais amplo do futebol argentino que se insere a rivalidade platense entre o Club de Gimnasia y Esgrima La Plata (GELP) e o Estudiantes de La Plata uma disputa que exemplifica a construção de identidades através da alteridade no espaço urbano. O Gimnasia, fundado em 1887, é identificado como uma instituição de forte raiz barrial e popular. Seus torcedores autodenominam-se "triperos", termo originalmente depreciativo ligado aos trabalhadores dos frigoríficos da região que foi ressignificado como marca de orgulho e identidade. O estádio do clube, conhecido como "El Bosque", é percebido por seus seguidores não apenas como infraestrutura esportiva, mas como extensão da própria casa, lugar sagrado de refúgio e memória familiar.

Em contraste, o Estudiantes surgiu em 1905 a partir de uma dissidência do Gimnasia e é historicamente associado às elites educadas e ao centro urbano. Essa origem distinta alimenta até hoje uma rivalidade que transcende o campo e ocupa a cidade de formas diversas – inclusive na pintura dos postes que já descrevi no capítulo anterior.

Assim como registrei a presença das cores vermelha e branca do Estudiantes nas imediações do estádio UNO, pude observar também a marca azul e branca do Gimnasia em outras regiões. A imagem a seguir, embora não seja de meu acervo pessoal, ilustra bem esse fenômeno: postes pintados com as cores do clube, algo que os moradores locais parecem incorporar ao cotidiano, mas que nem sempre é consenso.

Postes pintados de azul e branco



Fonte: jornal El Dia

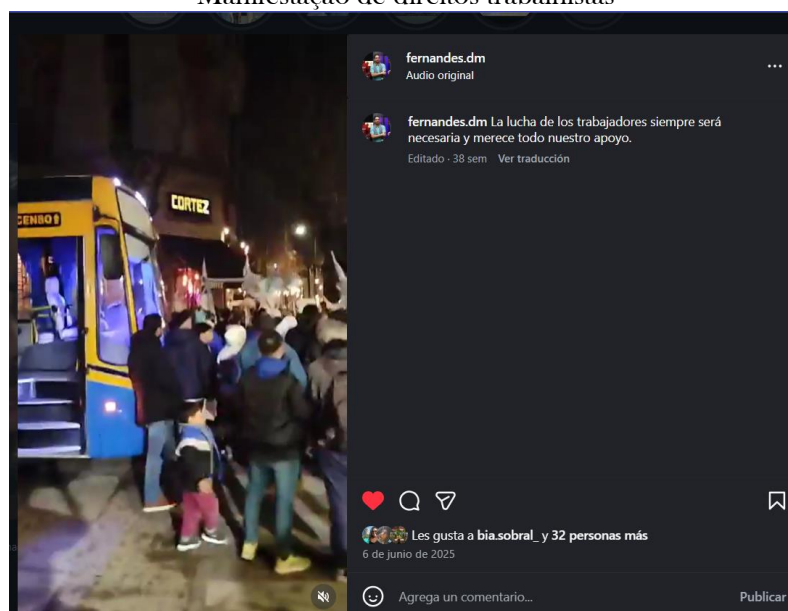
Assim como na imagem do capítulo anterior, aqui vemos como torcidas do Gimnasia, os tripaneros, também colorem seus postes, no caso dessa imagem ela foi retirada de uma notícia que foi oriunda de uma denúncia de uma moradora que mora numa região perto desses postes e classificou como uma depreciação do patrimônio público. É algo que grande parte da sociedade absorve como natural da sociedade, mas esta imagem foi publicada originalmente em uma notícia

do jornal El Dia, a partir da denúncia de uma moradora que classificou a pintura como depreciação do patrimônio público. O episódio revela algo importante: se para grande parte da sociedade essa estética urbana é absorvida como natural, ainda há dissonâncias quanto à sua aceitação. O futebol, ainda que profundamente enraizado, não escapa às tensões próprias da vida em sociedade.

O que mais me chamou atenção, no entanto, foi perceber como a presença do futebol extrapola os postes pintados e os dias de jogo. Durante o período do intercâmbio, acompanhei de perto manifestações políticas e sociais que ocorreram em La Plata, e ali estava novamente a marca das torcidas. Os ritmos das passeatas, os cânticos entoados, a forma de ocupar as ruas tudo lembrava uma arquibancada. Os mesmos sujeitos que aos domingos cantam no estádio eram os que, durante a semana, entoavam palavras de ordem em defesa de direitos trabalhistas.

Registrei uma dessas experiências em vídeo, publicado no meu perfil do Instagram (fernandes.dm), e disponível para quem quiser acompanhar a dimensão sonora e visual do ocorrido. Era uma manifestação de trabalhadores do setor de restaurantes garçons, entregadores, pessoal da limpeza que se reuniram em frente a um restaurante frequentado pelas classes média alta e alta, localizado na esquina do apartamento onde eu morava. Chegaram em uma caravana de ônibus, trazendo famílias inteiras, crianças e idosos, todos unidos na luta por direitos. No vídeo, é possível escutar os cânticos e perceber como a musicalidade das arquibancadas atravessava também aquele ato político.

Manifestação de direitos trabalhistas



Fonte: do autor

Essa presença das torcidas organizadas em pautas sociais não foi um episódio isolado. Durante os quatro meses em que estive em La Plata, as manifestações ou "paros", como chamam os locais foram frequentes, especialmente em resposta às ações do governo federal de Javier Milei. Em uma ocasião específica, amplamente noticiada pela imprensa, as hinchas tiveram papel fundamental na proteção de aposentados durante um protesto. A reportagem da BBC Mundo, reproduzida abaixo, destaca como a intervenção das torcidas impediu que a repressão policial fosse ainda mais violenta contra os manifestantes mais idosos.

Reportagem da BBC Mundo sobre o suporte das torcidas organizadas às manifestações dos aposentados



Fonte: BBC News Mundo

Ao circular pelas ruas nos dias seguintes, percebi que o episódio era comentado pelos moradores com naturalidade como se a presença das torcidas em defesa de pautas sociais fosse algo esperado, quase óbvio. Essa percepção ajudou a consolidar em mim a ideia de que, em La Plata, o clube não é apenas instituição esportiva: é território de pertencimento, espaço de sociabilidade e, em muitos momentos, refúgio simbólico para dar voz a insatisfações coletivas. Assim, busquei ilustrar neste capítulo um pouco do meu olhar sobre a sociedade que vivi por alguns meses e sobre como o futebol me pareceu, a todo momento, fazer parte do cotidiano daquelas pessoas. A cidade, por meio de suas cores, seus cânticos e suas manifestações, nunca deixava de lembrar o amor latente pelos clubes locais e por outros menos conhecidos para nós, brasileiros, como o Platense, que integra a região, mas não a cidade.

MÚSICA E CENA CULTURAL EM LA PLATA

Neste capítulo, quero aprofundar a segunda dimensão que atravessou minha experiência em La Plata algo que, de certa forma, mostrou-se ainda mais acessível e cotidiano do que o futebol. Se andar pela cidade era também perceber os postes coloridos e as marcas territoriais dos clubes, foi nas praças que aprendi a me localizar para além das diagonais e das calles. Elas funcionavam como pontos de referência, lugares de encontro e, sobretudo, como palcos permanentes de expressão cultural.

Durante minha estadia, morei em duas residências diferentes. A primeira localizava-se próxima ao Bosque de La Plata e da praça San Martín, uma das principais da cidade e uma das mais movimentadas. Ela se tornou caminho quase obrigatório em meus deslocamentos semanais. Foi ali que tive meu primeiro contato com os eventos artísticos organizados no espaço público: apresentações de ópera e música clássica, com repertório de artistas argentinos, que reuniam públicos de diferentes idades em torno de uma programação cuidadosamente pensada.

A imagem a seguir registra uma dessas apresentações na praça San Martín, evidenciando como o espaço público se transforma em palco e plateia simultaneamente.

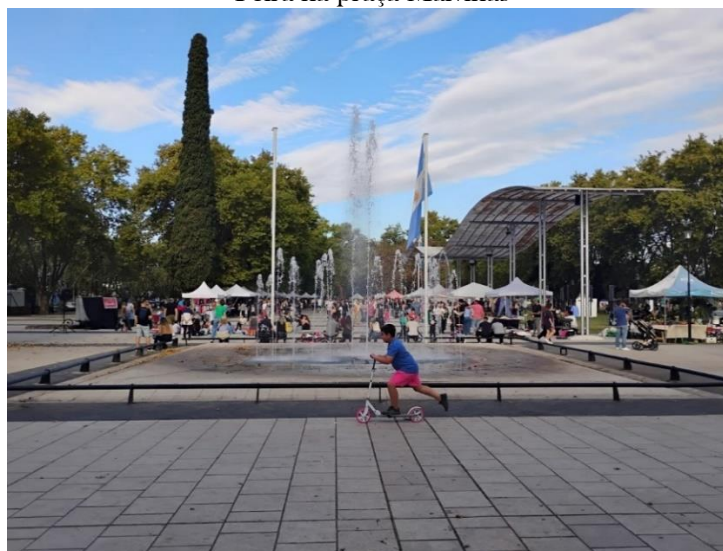
Apresentação na Praça San Martín



Fonte: do autor

Na segunda morada, fixei-me em uma região próxima a diversas praças, mas duas delas destacavam-se pelo tamanho e pela infraestrutura: a praça Moreno, localizada no coração de La Plata, e a praça Malvinas. Esta última visitei algumas vezes não para eventos musicais, mas para apreciar as feiras que reuniam expositores de diversos ramos desde lojistas com estabelecimento físico até pequenos empreendedores independentes. Ainda assim, era possível perceber que havia ali também uma dimensão cultural, ainda que menos central do que em outras praças.

Feira na praça Malvinas



Fonte: do autor

A programação cultural das praças era amplamente divulgada nas páginas oficiais do governo local, e acompanhá-la tornou-se parte da minha rotina. O que mais me impressionava era perceber que a população independentemente da idade ou do dia da semana ocupava aqueles espaços de forma espontânea e contínua. As praças nunca estavam vazias ou abandonadas. Havia

sempre alguém fazendo algo: uma pausa no trabalho, um encontro marcado, uma brincadeira de crianças, ou simplesmente a contemplação do lugar. As pessoas se sentavam nos bancos, caminhavam, conversavam, liam. Era como se a praça fizesse parte da identidade do platense e talvez faça mesmo.

Post de um dos eventos musicais na praça



Fonte Instagram oficial do governo da cidade de La Plata

Essa ocupação cotidiana ajuda a explicar por que o governo local mantém uma programação cultural tão constante. Há um orgulho perceptível em La Plata ser reconhecida como cidade cultural e de fato ela o é. Foi ali que surgiram diversos artistas, especialmente no cenário do rock argentino, e essa tradição parece ser cultivada e celebrada permanentemente.

Ainda que meu foco neste relato sejam as praças, não posso deixar de mencionar que os bares e outros espaços também ofereciam uma programação musical variada, contemplando diferentes nacionalidades e estilos. Uma das experiências mais curiosas que vivi durante a estadia foi o contato com grupos locais dedicados a gêneros musicais brasileiros. Afeição-me a um grupo de samba formado majoritariamente por argentinas com apenas uma brasileira no conjunto e participei de eventos de forró organizados por argentinos. Essa constatação foi importante para mim: naquele cosmos de vivências, os moradores de La Plata não apenas consumiam a cultura local, mas também acolhiam e reproduziam a cultura de outros povos que ali se estabeleceram e criaram raízes.

Essa abertura cultural ganha contornos ainda mais significativos quando consideramos o contexto político mais amplo. Durante o período em que estive na Argentina, o governo federal,

liderado por Javier Milei, adotava um discurso marcadamente nacionalista e criava diversas barreiras para que estrangeiros não se sentissem confortáveis. No entanto, La Plata administrada por um governo de oposição parecia funcionar em outra chave. Essa diferença era perceptível em aspectos concretos, como a variação constante nos preços dos produtos, mas também na dimensão relacional: a cidade acolhia, a cidade integrava, a cidade fazia questão de se mostrar culturalmente viva e diversa.

Foi assim que a música, em suas mais variadas manifestações, tornou-se para mim não apenas objeto de observação, mas também ponte de inserção. Cantar samba com argentinas, dançar forró organizado por locais, ocupar as praças em eventos promovidos pelo governo municipal tudo isso contribuiu para que minha experiência de intercâmbio ultrapassasse os muros da universidade e se tornasse efetivamente uma vivência cultural ampliada.

INTERSECÇÕES: futebol e música no cotidiano cultural

Ao longo deste relato, ficou perceptível que tanto o futebol quanto a música não são fenômenos isolados dentro da dinâmica de La Plata. Eles não acontecem apenas no estádio ou na praça, mas atravessam o cotidiano de forma constante, direta e indireta. Se nos capítulos anteriores tratei dessas dimensões de modo mais específico, aqui procuro demonstrar como ambas se encontram e se misturam na experiência urbana.

O futebol, representado principalmente pelos dois rivais platenses, Estudiantes de La Plata e Club de Gimnasia y Esgrima La Plata, não se limita ao momento do jogo. Ele está nos postes pintados, nos grafites, nas conversas de bar, nas manifestações e até mesmo nos ritmos que ecoam pelas ruas. Da mesma forma, a música que ocupa as praças nos finais de semana, organizada pelo governo local ou por coletivos independentes, não se restringe ao palco montado: ela cria vínculos, organiza encontros e estabelece pertencimentos temporários.

O que mais me chamou atenção durante o intercâmbio foi perceber que a musicalidade das hinchas se aproxima muito da lógica das apresentações culturais que presenciei nas praças. O canto coletivo, o uso de instrumentos de percussão, o coro que responde em uníssono tudo isso cria uma atmosfera de comunidade momentânea. A diferença é que, no estádio, o adversário está claramente definido; na praça, o encontro se dá pela celebração artística. Mas em ambos os casos há uma ocupação intensa do espaço público.

Essa intersecção ficou ainda mais evidente em uma experiência específica que vivi durante uma partida da Copa Libertadores da América, quando o Estudiantes de La Plata enfrentaria o Botafogo de Futebol e Regatas. Naquela noite, pude ver o espaço público ser tomado por torcedores que transformaram as ruas em uma extensão do estádio. Mesmo fora da arena, a cidade pulsava como se o jogo estivesse acontecendo ali, no meio das diagonais.

Vestindo a camisa do Estudiantes, permaneci no meio da torcida local, observando e ao mesmo tempo participando daquela experiência coletiva. A banda da torcida organizada conduzia o ritmo com bombos e instrumentos de sopro, puxando os cânticos que eram repetidos por centenas de pessoas. Não era apenas um grupo cantando; era uma massa sonora que ecoava entre os prédios e se espalhava pelas ruas. A música ali não era acessória ao futebol ela era parte constitutiva da experiência do jogo.

Registrei esse momento em vídeo, especialmente a atuação da banda da torcida, e publiquei no meu perfil do Instagram, onde o leitor poderá acompanhar a dimensão sonora e visual dessa vivência. A imagem inserida a seguir busca ilustrar essa ocupação do espaço urbano, mas o vídeo permite compreender melhor a intensidade daquele instante.

Registro da torcida do Estudantes em noite de Libertadores



Fonte: do autor

O mais significativo, para mim, foi perceber que, sendo brasileiro e com um clube do meu país como adversário naquela partida, optei por vestir a camisa do Estudantes e permanecer entre os torcedores locais. Essa escolha, ainda que simples, representou um gesto de inserção cultural. Naquele momento, eu não era apenas um observador externo; estava imerso na experiência coletiva, compartilhando cantos, ritmos e emoções.

Essa vivência sintetiza aquilo que tentei demonstrar ao longo do capítulo: em La Plata, futebol e música não são apenas expressões culturais paralelas, mas práticas que se alimentam mutuamente e estruturam a ocupação do espaço público. O estádio se expande para a rua, e a rua assume características de arquibancada. A praça, o bar e a diagonal tornam-se territórios de performance coletiva.

Assim, a intersecção entre futebol e música revelou-se uma das chaves para compreender a sociabilidade platense. Mais do que entretenimento, ambos funcionam como linguagens sociais que organizam pertencimento, produzem identidade e transformam o espaço urbano em palco permanente de expressão coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como brasileiro, não pude deixar de estabelecer comparações entre a forma como o futebol é vivenciado no Brasil e aquilo que observei em La Plata. No contexto brasileiro contemporâneo, o esporte foi profundamente impactado pelo processo de mercantilização, que transformou muitos clubes em marcas e estádios em arenas multifuncionais. Em diversos casos, os espaços esportivos tornaram-se lugares de segmentação social, afastando parcelas populares que historicamente construíram a cultura do futebol no país. As torcidas organizadas, embora ainda presentes e atuantes, raramente assumem protagonismo contínuo em pautas políticas e sociais ligadas ao cotidiano da população. Há um certo distanciamento entre o futebol enquanto prática cultural enraizada nos bairros, nas várzeas, na memória afetiva e o futebol enquanto espetáculo comercial, cada vez mais padronizado e voltado para públicos com maior poder aquisitivo.

Em La Plata, contudo, a experiência revelou outra configuração. O futebol aparece nas entrelinhas da cidade, nos detalhes, na estética urbana, nas conversas cotidianas e no amor declarado pelos clubes locais. Circular pelos Espaços vinculados ao Estudantes de La Plata e ao Club de Gimnasia y Esgrima La Plata é perceber que se trata de instituições carregadas de história, conquistas nacionais e relevância no cenário do Cone Sul, mas, sobretudo, impregnadas de sentido comunitário. Há um ar de familiaridade que aproxima clube e torcedor, como se ambos compartilhassem um destino comum e de certa forma compartilham.

Além disso, foi possível observar que as hinchas não se restringem ao apoio esportivo. Em diferentes momentos, estiveram inseridas nos debates e tensões sociais do país, funcionando como espaços de articulação e, por vezes, como refúgio simbólico para dar voz a insatisfações coletivas. O clube, nesse contexto, não é apenas instituição esportiva: é território de pertencimento e expressão, onde a identidade do torcedor se confunde com sua atuação como cidadão.

De maneira semelhante, La Plata confirmou-se como uma cidade cultural em sentido amplo. Suas praças não são meros equipamentos urbanos, mas espaços vivos e temáticos. A reinauguração da Praça Dardo Rocha, com programação voltada ao rock argentino, ou os eventos na praça San Martín, dedicados à música clássica, evidenciam essa apropriação simbólica do espaço público. As praças não aparecem como pretexto administrativo ou obra vazia de significado; são lugares de encontro intergeracional, onde crianças, jovens, adultos e idosos compartilham o mesmo território. O platense sem sua praça não é plenamente platense, porque é nesse espaço aberto que a cidade se reconhece e se reinventa cotidianamente.

Vivenciar esses espaços para além dos muros da universidade permitiu ampliar minha compreensão sobre o que significa um intercâmbio acadêmico. Foi nas praças, nas ruas, nos eventos culturais e nos encontros fortuitos que pude perceber outras nacionalidades convivendo, afetos sendo construídos na timidez dos primeiros diálogos e até mesmo os animais de estimação interagindo nos espaços verdes. Há uma dimensão cotidiana e sensível da cidade que não se aprende apenas nas salas de aula — é preciso vivê-la, senti-la, deixar-se afetar por ela.

Futebol e música, portanto, não foram apenas objetos de observação durante minha pesquisa; tornaram-se elementos fundamentais para minha permanência e adaptação ao longo do intercâmbio. Não se trata de idealizar a realidade argentina ou ignorar suas contradições. Pelo contrário, reconheço que há problemáticas complexas tensões políticas, desigualdades sociais, violências institucionais que merecem análises mais aprofundadas e críticas, as quais poderão ser desenvolvidas em futuras produções acadêmicas.

Este relato buscou destacar aquilo que se mostrou inspirador: a maturidade cultural de uma cidade que soube integrar esporte, arte e espaço público em uma harmonia perceptível no cotidiano. Como alguém que sempre foi apaixonado por futebol e por música, senti-me honrado por poder respirar esses ambientes, participar dessas experiências e testemunhar como tais dimensões estruturam a sociabilidade local.

Que este texto possa servir não apenas como memória pessoal de uma vivência intensa e formativa, mas também como ponto de partida para outras pesquisas que desejem investigar fenômenos culturais a partir da experiência vivida, sentida e compartilhada no contexto de um intercâmbio acadêmico. Afinal, produzir conhecimento também é isso: deixar-se atravessar pelo mundo para, depois, tentar traduzi-lo em palavras.

REFERÊNCIAS

ARAMBUENA, R. En torno de la situación de las jugadoras de Primera División de dos clubes platenses: apuntes para reflexionar sobre la noción de futbolista profesional. In: ACTAS PUBLICADAS. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad Nacional de La Plata, 2022. Disponível em: https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.15516/ev.15516.pdf. Acesso em: 02 mar. 2026.

ARAÚJO, M., & PISANI, M. (2023). Interloquções Esportivas: Uma Dobradinha entre Brasil e Argentina. **Revista entrerios** do programa de pós-graduação em antropologia, 5(2), 99-115. <https://doi.org/10.26694/rer.v5i2.14250>

BUNDIO, J. S. Duelo en el área: la construcción de la identidad en el fútbol argentino. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2021.

CLUB DE GIMNASIA Y ESGRIMA LA PLATA. **La Institución**. La Plata, [202-?]. Disponível em: <https://www.gimnasia.org.ar/el-club/la-institucion/>. Acesso em: 02 mar. 2026.

CLUB ESTUDIANTES DE LA PLATA. **Sitio oficial**. La Plata, [202-?]. Disponível em: <https://estudiantesdelaplata.com/>. Acesso em: 02 mar. 2026.

CRESPO, Cecilia Bettina; CARBALLO, Carlos Gabriel. Deporte y políticas públicas en el Gran La Plata (III). In: Congreso de La Asociación Aatinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte (ALESDE), 9., 2024, La Plata. **Anais [...]**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2024.

ESTEVES, E. M.; BELEM, V. C. F. Racismo no futebol e televisão: uma análise sobre a cobertura do jornalismo esportivo em casos de racismo no futebol brasileiro. In: **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Salvador: Intercom, 2020. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/r15-0577-1.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2026.

MORAES, Leticia Cristina Lima; LEVORATTI, Alejo; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. A sociologia do esporte na Argentina: apontamentos preliminares acerca da estruturação de um subcampo acadêmico-científico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, p. e26097, jan./dez. 2020. DOI: 10.22456/1982-8918.103290. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/103290>. Acesso em: 02 mar. 2026.

PARDINI, I. Entre represiones y pasiones: la experiencia de los hinchas de Gimnasia y Esgrima La Plata frente a las violencias y la segurança en el fútbol argentino. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidad Nacional de La Plata, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, La Plata, 2024. Disponível em: [inserir link aqui]. Acesso em: 02 mar. 2026.

UNIVERSIDAD NACIONAL DE LA PLATA. FACULTAD DE HUMANIDADES Y CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN. **Portal institucional**. La Plata, [202-?]. Disponível em: <https://www.fahce.unlp.edu.ar/>. Acesso em: 02 mar. 2026.

UNIVERSIDAD NACIONAL DE LA PLATA. **Portal institucional**. La Plata, [202-?]. Disponível em: <https://unlp.edu.ar/>. Acesso em: 02 mar. 2026.

| **Submetido em:** julho de 2026

| **Aprovado em:** agosto de 2026

| **Publicado em:** setembro de 2026